

Samuel Beckett: O Real, O Ideal e A Linguagem
Samuel Beckett: The Real, the Ideal and Language

Ulisses Augusto Guimarães Maciel*
ulissesagmaciel@hotmail.com
Prefeitura Municipal da Serra, ES

RESUMO: Esta análise busca evidenciar, nas obras *Molloy*, *Malone morre* e *O inominável*, a trajetória traçada por Samuel Beckett na composição de uma narrativa conhecida por desafiar os limites da representação, destacando a precariedade do pensamento e da linguagem, que fracassam em suas tentativas de apreender o real ser das coisas. Nesse contexto, considerando a representatividade um jogo que surge a partir do caos inarticulável da realidade, lançamos mão da filosofia cartesiana e do pensamento do filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser a respeito da realidade e da linguagem, no intento de evidenciar, diante da palavra que silencia, o caráter impreciso do romance beckettiano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Romance. Representação. Samuel Beckett

ABSTRACT: This analysis intends to highlight, in the novels *Molloy*, *Malone Dies* and *The unnameable*, the way Samuel Beckett composed a narrative known for challenging the limits of representation, underscoring the precariousness of thought and language, which fail in their attempt to apprehend reality. In this context, considering representativeness a play that stems from the inarticulate chaos of reality, we used the concepts of Cartesian philosophy and the Czech-Brazilian philosopher Vilém Flusser's thinking on the relationship between reality and language. We intend to show that the silencing word fosters the indeterminate nature of Beckett's oeuvre.

KEYWORDS: Literature. Novel. Representation. Samuel Beckett.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução

Poucos escritores provocam o desconforto da incerteza como Samuel Beckett. Sua obra é pautada por uma linguagem repleta de estranhamento, reflexo de um tempo obscuro, em que o horror de uma guerra faz ecoar a mais densa indiferença do homem em relação à sua própria existência - indiferença que nos inibe diante da impossibilidade de apreendermos a essência do mundo, condicionando-nos, assim, a uma realidade programada e sombria, que, a partir de um entorpecer generalizado, se oculta. Nesse contexto, o projeto iluminista, aparentemente, atinge seu limite; e o conhecimento científico, utilizando-se de toda sua sistemática, torna-se ferramenta para o extermínio em massa de milhões de pessoas tidas como sub-humanas e até mesmo como não humanas. Estas formas sistemáticas de ordenação representam uma domesticação do caos, tornando-o encoberto.

A escrita de Samuel Beckett segue um caminho oposto a esse, e não procura remediar as fragilidades da atuação humana no mundo. Os textos beckettianos recusam os artifícios de uma linguagem que não assuma o caráter caótico da existência. A proposta do autor é materializar a impossibilidade de uma ordenação calculada e linear que possa escapar à natureza fenomenológica da obra literária. A exemplo do que encontramos em *Dream of fair to middling women*: “The experience of my reader shall be between the phrases, in the silence, communicated by the intervals, not the terms, of the statement. [...] his experience shall be the menace, the miracle, the memory, of an unspeakable trajectory” (BECKETT, 1993, p. 148).¹ Assumindo esse comportamento, sua escrita expõe o caos, apresenta os escombros dos projetos progressistas, e traz à superfície o erro e o fracasso como aspectos incontornáveis da condição humana.

1 A incerteza da linguagem

Samuel Beckett procura construir pontes sobre o incerto, e a própria linguagem revela essa precária relação entre o homem e o pensamento que busca,

¹ “A experiência de meu leitor estará entre frases, no silêncio, comunicado pelos intervalos, e não pelos termos do enunciado. [...] sua experiência será a ameaça, o milagre, a memória, de uma trajetória não falável” (tradução nossa).

sem sucesso, apreender o real para além da representação. Provisória e mutável, a linguagem é o elo que nos posiciona diante do caos absurdo da impossibilidade. É a única ordenação possível, mesmo que insuficiente; é a incerteza que se apresenta como fundamental na busca pela denominação da *realidade*.

Partindo dessas ideias centrais, o texto presente traz para a discussão a relação do autor irlandês com a linguagem, enquanto matéria-prima para a formação de uma literatura que não busca evidenciar a realidade, mas a impossibilidade que a nós se apresenta como o inarticulável, um labirinto intransponível que, por meio da língua, nos aventuramos a percorrer sem a ilusão de que possamos, em algum momento, vislumbrar a luz. A alternativa que nos resta seria, portanto, a sugerida por Malone: “It is better to adopt the simplest explanation, even if it is not simple, even if it does not explain very much” (BECKETT, 1994, p. 183).² A língua revela-se, sim, como a forma de ampliarmos nossa visão sobre o real, com a clareza de que quanto mais desenvolvemos essa visão, mais entendemos nossa posição diante do caos inapreensível em que estamos inseridos. Compreender essa relação nos leva a confrontar uma nova perspectiva de existência. Conscientes da impossibilidade que temos de dar conta do ser em si das coisas, resta-nos pensar a realidade da língua, que, por outro lado, não deixa de dialogar com aquilo que nos está dado.

Samuel Beckett traz para o centro da discussão literária essa nova perspectiva de realidade, estabelecendo, através de sua literatura, o contraditório, o não ser que Paulo Leminski irá definir em *Beckett, o apocalipse e depois*, da seguinte maneira: “a linguagem utilizada pelo autor irlandês é a do isolamento, da solidão e da incomunicabilidade” (LEMINSKI *apud* BECKETT 1986, p. 151). A escrita de Beckett se constrói na insistente negação à cultura e à história; um autoexílio sem início, meio e fim, que encontra nos limites de uma língua estrangeira o surgir de um mundo caótico e insuportável, cujo ritmo está sempre pautado na decadência de uma linearidade racional, incapaz de apreender o inarticulável.

Esse posicionamento revela, em muitos momentos, a influência da filosofia clássica na obra beckettiana, com destaque para os pensadores pré-socráticos, Descartes, Bishop Berkeley (inspiração para *Film*), Spinoza, Leibniz, Kant, Schopenhauer, Mauthner e Bergson, conforme aponta Rónan McDonald, em *The Cambridge Introduction to Samuel Beckett (2006)*. As leituras dessas obras, no início

² “É melhor aceitar a explicação mais simples, mesmo que não seja simples, mesmo que não explique muita coisa” (BECKETT, 1986, p. 10).

dos anos 1930, auxiliaram Samuel Beckett na composição do tema de sua literatura, o fracasso que por meio de uma escrita revolucionária, procura materializar a impotência da linguagem diante do real. Para melhor esclarecer o que buscamos tratar aqui, retomamos Malone quando diz: “There is no use indicting words, they are no shoddier than what they peddle” (BECKETT, 1994, p. 195).³ E com isso, podemos entender que, na busca pela ordenação de uma realidade que ultrapassa os limites da língua, lançamo-nos no abismo intransponível do caos, pois a língua se revela silêncio ao tratar daquilo que nos escapa. Ou seja, carregamos por meio da linguagem apenas os dados por nós apreendidos através dos sentidos e transformados em pensamento - pensamento este que nos ocorre obrigatoriamente por meio da linguagem. O que nos foge aos sentidos e à articulação do pensamento nos foge enquanto realidade. Cabe a nós, no entanto, questionar que realidade é essa que nos escapa. Nina Power, em conjunto com Alberto Toscano, na abertura do texto de Alain Badiou, *On Beckett*, procura fundamentar uma perspectiva filosófica que traduza a forma do pensador francês de enxergar a obra beckettiana:

But this is not the end of the matter, and Badiou chastises himself for having originally accepted this vision of Beckett as manifesting ‘the (ultimately inconsistent) alliance between nihilism and the imperative of language, between vital existentialism and the metaphysics of the word, between Sartre e Blanchot.’ In this respect, we should note that Badiou wishes to evacuate the defeatist pathos accorded to the impasse, together with any intimation that we are here faced with the linguistic ‘truth’ of human finitude or with an episode in the genealogy of nihilism; rather, he intends to approach it as a problem that demands resolution from Beckett at the level of the writing itself (POWER; TOSCANO, 2003, p. XIV).⁴

Essa influência filosófica que percebemos na escrita de Samuel Beckett coloca-nos diante de algumas questões, forçando-nos a criar um traçado em torno do problema cartesiano que se constrói na relação entre o sujeito e a busca pela verdade que se perde no interior do pensamento. Além do próprio René Descartes,

³ “Não vale a pena culpar as palavras. Elas não são mais vazias do que aquilo que carregam” (BECKETT, 1986, p. 26).

⁴ “Mas este não é o fim da questão, e Badiou castiga a si mesmo por ter inicialmente aceitado essa visão de Beckett como manifestando “a aliança (em última análise, inconsistente) entre o niilismo e o imperativo da linguagem, entre o existencialismo vital e a metafísica da palavra, entre Sartre e Blanchot.” A este respeito, devemos notar que Badiou pretende se livrar do apelo derrotista concedido ao impasse, juntamente com qualquer insinuação de que estamos aqui confrontados com a “verdade” linguística da finitude humana ou com um episódio na genealogia do niilismo; em vez disso, ele pretende abordá-lo como um problema que exige de Beckett uma solução no nível da escrita em si” (tradução nossa).

incluímos na lista Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer e o pensador checo-brasileiro Vilém Flusser para guiar nossa leitura acerca das questões do pensamento e da linguagem, que ecoam na trilogia do escritor irlandês.

2 A relação entre literatura e filosofia

Se, em um primeiro momento, discutimos que Samuel Beckett busca, através de seus textos, uma experiência fenomenológica com a natureza inarticulável das coisas, é importante manter em mente que suas palavras apontam para algo, substituem algo e procuram algo para além da língua. Esse algo, justamente por estar além daquilo que nos é possível compreender, torna-se vazio. Através de uma ótica semelhante, Vilém Flusser irá dizer que “a verdade absoluta, se existe, não é articulável, portanto, não é compreensível” (FLUSSER, 2007, p. 18), o que nos condena ao silêncio diante de uma realidade que não a da linguagem. E é justamente nessa busca por uma escrita que problematize a relação entre língua e realidade que Beckett, exilado em Paris, decide apropriar-se da língua francesa, idioma que revelará, em sua estranheza, ferramenta fundamental para a construção de sua estética inovadora. Em sua obra composta ao final da Segunda Grande Guerra, ele aprofunda sua escrita de forma clara, no que diz respeito à concepção da língua que falha ao nomear o mundo em que se encontra: “Not to want to say, not to know what you want to say, not to be able to say what you think you want to say, and never to stop saying, or hardly ever, that is the thing to keep in mind, even in the heat of composition (BECKETT, 1994, p.28).⁵ Contudo, não podemos confundir essa realidade inominável com o que costumávamos denominar realidade em si. Devemos pensar a obra de Samuel Beckett como um esforço da escrita na criação de realidades tão múltiplas quanto possíveis de se vivenciar no ato da leitura. Mas como explicar a existência dessa realidade que permanece distante e que parece afastar-se a cada passo que damos em sua direção?

O diálogo com os pensadores supracitados fundamenta nossa discussão sobre o caráter impreciso dos romances que compõem a trilogia, fator indispensável para a compreensão do posicionamento da escrita beckettiana em relação à atuação

⁵ “Não querer dizer, não saber o que se quer dizer, não poder dizer o que se acredita que se quer dizer, e sempre dizer ou quase, isto é o que é importante não perder de vista, no calor da redação” (BECKETT, 2007, p. 49).

do homem no mundo e sua expressão por meio da linguagem. Na literatura de Samuel Beckett, a incerteza se constrói quando nos encontramos distantes da linearidade a qual condicionamos nosso pensamento, quando nos vemos forçados a vivenciar o ser daquele que habita alheio à nossa concepção de realidade; obrigamo-nos a confrontar a realidade responsável pela composição de nossa subjetividade com o estranho fundamentado na realidade criada por uma linguagem que insiste em não dizer. Assim como lemos em *O inominável*:

I shall not say I again, ever again, it's too farcical. I shall put in it's place, whenever I hear it, the third person, if I think of it. Anything to please them. It will make no difference. Where I am there is no one but me, who am not. So much for that. Words, he says he knows they are words. But how can he know, who has never heard anything else? True (BECKETT, 1994, p. 358).⁶

É pensando as divergências entre as realidades que podemos experimentar o aniquilamento existencial que se apresenta diante do estranhamento do mundo beckettiano. Em um sentido positivo, esse processo de aniquilamento se revela enquanto um pensamento que se desintegra para mais tarde ressurgir em uma espécie de “transfiguração da morte do **eu**, pela qual o **eu** sai enriquecido” (FLUSSER *apud* GULDIN, 2010, p. 77). Porém, não há, nesse contexto, nenhuma ilusão que nos permitiria pensar a solução do problema da linguagem que circunda nossa existência. O fracasso da linguagem habita toda e qualquer experiência de comunicação entre nós e a realidade. As palavras não equivalem aos eventos que nomeiam; portanto, toda a transferência de pensamento ocorre de maneira fragmentada, o que faz desse exercício um desespero *metafísico* e, do narrador beckettiano, um *Sísifo*, condenado à consciência de que seu trabalho mesmo no fim não estará concluído. Como exposto por Malone: “But the moment comes when one desists, because it is the wisest thing to do, discouraged, but not to the extent of undoing all that has been done” (BECKETT, 1994, p. 214).⁷

Nesse contexto, Beckett torna-se o escritor da incomunicabilidade, em cuja obra a lógica e a linearidade racional se perdem em um entrelaçado de palavras que

⁶ “Não direi mais eu, não o direi mais nunca, é besta demais. Colocarei em seu lugar, cada vez que o ouça, a terceira pessoa, se pensar nisso. Se isso os diverte. Isso não mudará nada. Há apenas eu, eu que não sou, ali onde estou. E só. Palavras, ele diz que sabe que são palavras. Mas como pode saber, ele que nunca ouviu outra coisa? É lógico” (BECKETT, 2009, p. 110).

⁷ “Sempre vem o momento em que a gente desiste, por esperteza, demasiado, mas não ao ponto de desfazer o que já foi feito” (BECKETT, 1986, p. 50).

soam como um balbuciar insano em direção ao nada que representam. “It must not be forgotten, sometimes I forget, that all is a question of voices. I say what I am told to say” (BECKETT, 1994, p. 348).⁸ E neste sentido, comentam Nina Power e Alberto Toscano:

We are thus left only with a voice that oscillates, struggling relentlessly between temporary self-affirmation and the 'beyond' of being, which is precisely void. For the cogito, all saying is precisely 'ill saying' because it can never come close to touching the void from out of which language speaks (POWER; TOSCANO, 2003, p. XIX).⁹

É aí que enxergamos um ponto em comum entre o escritor que anda sobre os limites do in-dizível e o pensamento filosófico, que busca entendê-lo. Enquanto Flusser dedica páginas e mais páginas de sua obra ao intuito de esclarecer a nossa relação com a realidade dos dados brutos através da língua, Beckett deixa que seu trabalho transpire as inquietações de um niilismo que não visa solucionar um problema, mas evidenciá-lo.

3 O silêncio inominável

Se nada é nomeável, como sugere Malone, se nos encontramos confinados em nosso pensamento, em nossa língua, como seria possível experimentar o abismo que nos distancia da realidade, que tanto se assemelha à angústia existencial? Ao nos aproximarmos dos limites da língua, estaríamos pondo em risco a própria concepção do ser daquele que pensa, ou – fazendo referência ao *cogito* cartesiano, proposto por Vilém Flusser – a existência do ser que habita a realidade de determinada língua? Como seria possível, se nos afastando da língua que constitui nosso pensamento, estamos condenados ao silêncio?

E imersos nessa atmosfera angustiante, a trilogia do pós-guerra (*Molloy*, *Malone morre e O inominável*) se destaca por ser um conjunto de romances no qual a escrita de Samuel Beckett materializa o processo de desconstrução do romance realista tradicional. Nesses textos, vemos retratada a decadência física e mental de

⁸ “É preciso não esquecer, às vezes esqueço, que tudo é uma questão de vozes. O que se passa, são palavras” (BECKETT, 2009, p. 98).

⁹ “Estamos, assim, à mercê apenas de uma voz que oscila, lutando incansavelmente entre a autoafirmação temporária e o “além” do ser, que é precisamente vazio. Para o *cogito*, tudo o que é dito está precisamente ‘mal dito’ porque o dizer nunca pode se aproximar do vazio a partir do qual a linguagem fala” (tradução nossa).

personagens conscientes de estar no limite da existência, mas que de maneira incerta deixam-se levar pelas ocorrências de memórias imprecisas, em narrativas vertiginosas que insistem em apontar, para a mesma direção, o vazio e a incerteza através de uma linguagem que rompe com a linearidade, levando a literatura ao limite de um texto que culminaria em um impenetrável labirinto sem lógica ou definição.

O ideal de estabilidade do mundo, juntamente com as formas miméticas da arte, que suportariam a crença nessa aparente abertura para o real, surge gradativamente mais e mais desgastado, um traço de dissolução da crença na representação do mundo. Paralelamente a essa negação do mundo enquanto algo representável, podemos observar a degeneração dos diferentes personagens que compõem as narrativas, e não sabemos ao certo quantos são, pois o entrelaçamento e a fluidez entre essas figuras criam uma sensação de insegurança que nos impossibilita definir, com clareza, suas identidades. Se os romances beckettianos rompem com os modos convencionais da ficção é por apresentarem uma narrativa na qual a relação entre os sujeitos se apresenta cada vez mais imprecisa, em meio a eventos indeterminados. Na narrativa de Beckett, os personagens se interpenetram, formando-se e deformando-se em um conjunto antissocial de subjetividades fluidas. A história de Molloy e Moran, os protagonistas do livro *Molloy*, pode ser considerada uma perplexa inversão, quando a figura burguesa de Moran se transforma, no decorrer da narrativa, no objeto de sua busca: o debilitado e decadente Molloy. No tom generalista das vozes angustiadas que narram as histórias imprecisas de Samuel Beckett, identificamos o caráter exaustivo de seus narradores. O autor irlandês, ao construir enredos que, aparentemente, desmoronam no decorrer da leitura, destaca a falta de fundamento na busca incessante por uma ordenação que fracassa. Molloy, Moran, Malone e O inominável narram a solidão, o desespero de personagens perdidos e confusos diante do indizível.

At no moment do I know what I'm talking about, nor of whom, nor of where, nor how, nor why. But I could employ fifty wretches for this sinister operation and still be short of a fifty-first, to close the circuit, that I know, without knowing what it means (BECKETT, 1994, p 341).¹⁰

¹⁰ “Em nenhum momento sei do que estou falando, nem de quem, nem de quando, nem de onde, nem com o quê, nem por que, mas teria a necessidade de cinquenta forçados para essa lida sinistra

Eis um aparente dialogo com o conceito de realidade defendido por Vilém Flusser: “Descobriremos que o conhecimento absoluto, a realidade fundamental e a verdade imediata não passam de conceitos não somente ociosos, mas também desnecessários para a construção de um cosmos, e que neste sentido, as objeções podem ser aceitas” (FLUSSER, 2007, p. 33). Sob uma perspectiva material, podemos, então, pensar a realidade como o ser daquilo que é, que de maneira imediata se revelaria mundo, unidade de espaço onde irremediavelmente estamos presos. Porém, a ideia que fazemos daquilo que é real não se limita ao âmbito espacial, mas também temporal e sensitivo: temporal, porque há uma tendência natural do mundo em alterar-se no decorrer do tempo, logo nos torna notável que o real apresentado de forma imediata como aquilo que é deforma-se, materializando uma definição que passa a considerar realidade não mais como aquilo que é, mas como um não ser condicionado ao tempo. Assim ilustra o pensador pré-socrático Heráclito de Éfeso: “Em rio não se pode entrar duas vezes, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança [...] compõe-se e desintegra, aproxima-se e afasta-se” (HERÁCLITO, 2000, p. 97).

O que Heráclito demonstra a partir desses fragmentos é o que tange nossa capacidade de apreender o que nos é sensível, a forma como nossos sentidos capturam o ser daquilo que nos está dado de maneira bruta, as nuances do que costumamos chamar realidade. Se nossos sentidos estão condicionados a uma parcela mínima do mundo externado para além de seus limites, podemos considerar qualquer esperança de apreendermos uma realidade que não a da linguagem como ilusória. Nessa perspectiva, Molloy afirma não haver solução para o problema: “It's for the whole there seems to be no spell. Perhaps there is no whole, before you're dead. An opiate for the life of the dead” (BECKETT, 1994, p. 27).¹¹

Externando o fato que, na medida em que nos entregamos ao mundo sensível, nos confundimos com ele e dificultamos a determinação do homem enquanto ser distinto da realidade bruta em que habita. Seguindo essa lógica, escreve Rene Descartes:

e ainda me faltaria um quinquagésimo primeiro, para fechar as algemas, disso eu sei, sem saber o que quer dizer” (BECKETT, 2009, p. 89).

¹¹ “É para o todo que parece não existir truque. Talvez não haja todo, a não ser póstumo. Não é preciso ser muito esperto para encontrar um calmante na vida dos mortos” (BECKETT, 2007 p. 49).

Presumo, então, que todas as coisas que vejo são falsas; convenço-me de que nunca houve tudo aquilo que minha memória repleta de mentiras me representa; penso não possuir sentido algum; acredito que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar não passam de ficções do meu espírito. Então, o que poderá ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa, exceto que nada de certo existe no mundo (DESCARTES, 2000, p. 257-258).

Assim sendo, o entendimento do homem sobre a real existência das coisas se daria no campo das ideias. Apenas o pensamento seria capaz de nos despertar diante da realidade exterior que por nós não se apreende sensitivamente. É essa concepção que René Descartes apresenta em seu livro *Discurso do método* a partir do *cogito*: penso logo existo (*cogito ergo sum*). Desta maneira, o filósofo renascentista condiciona o existir do eu e do mundo ao pensamento, ou seja, a clareza das ideias nos permitiria melhor compreender a realidade das coisas. Ao duvidarmos, aproximamo-nos da realidade do que nos está dado de maneira imediata. Este princípio transcende a concepção de realidade bruta anteriormente aceita como verdadeira. Para Descartes, a dúvida por si só garantiria a existência daquele que duvida, mas não resolve o enigma da realidade do mundo ou do *eu*. A partir do *cogito* cartesiano, a existência do mundo externo ao pensamento é questionada e apesar da certeza do existir de um sujeito que pensa, sua real natureza se mantém obscura: “ainda não sei com suficiente clareza o que sou, eu que tenho certeza que sou” (DESCARTES, 2000, p. 258).

4 A crítica da razão

Outro pensamento que irá marcar a trilogia beckettiana é o do filósofo alemão Immanuel Kant que, em *Crítica da razão pura*, define nosso conhecimento do mundo como algo limitado à experiência e à possibilidade do ser daquilo que apreendemos de maneira imediata. Porém, nossas limitações diante de uma realidade em si não nos impedem de refletirmos sobre ela: “note-se bem, será sempre preciso ressaltar que, se não podemos conhecer esses mesmos objetos como coisas em si mesmas, temos pelo menos que poder pensá-los” (KANT, 2000, p. 43). Kant não nega a existência de uma realidade em si, mas nega a existência de uma realidade independente de nossa influência. E esse pensamento está presente logo nas primeiras páginas de *Malone morre*: “I have only to open my eyes to have them

begin again. the sky and smoke of mankind. My sight and hearing are very bad, on the vast main no light but reflected gleams. All my senses are trained full on me, me (BECKETT, 1994, p. 186).¹² O que apreendemos desse absoluto, portanto, são meras representações, aparências que apontam em direção às possibilidades do *ser do mundo* alheio a nós. Em poucas palavras, Arthur Schopenhauer resume, em *Fragmentos sobre a história da filosofia*, a perspectiva kantiana: “Kant ensina que podemos conhecer a existência das coisas em si, porém nada além dela. Em outros termos, que sabemos apenas QUE elas existem, mas não O QUE são” (SCHOPENHAUER, 2007, p. 134; grifos do autor).

Dessa forma, Immanuel Kant sugere uma nova perspectiva sobre a existência da coisa em si. Ampliando o pensamento cartesiano, ele demonstra o ser de uma realidade apreendida no caos, que se materializa na ordem da razão. Ao atuarmos sobre as representações dos sentidos, negociamos com as possibilidades e determinamos o conceito de verdade que, entrelaçado ao de realidade, nos permite construir ideias. Essas ideias, no entanto, são formadas sobre a aparência da coisa em si. O resultado dessa negociação que fazemos diante do caos, por meio de uma análise racional das possibilidades por nós apreendidas sensitivamente, é a única verdade possível. Assim como a realidade em si nos escapa enquanto ser, formar uma ideia que possamos denominar verdade absoluta se torna impossível. Will Durant irá descrever essa experiência de modo a podermos melhor compreender o processo:

Sensação é estímulo desorganizado, percepção é sensação organizada, concepção é percepção organizada, ciência é conhecimento organizado, sabedoria é vida organizada: cada qual é um grau maior de ordem, sequência e unidade. De onde vem essa ordem, essa sequência essa unidade? Não das próprias coisas, pois nós só as conhecemos pelas sensações que chegam através de mil canais ao mesmo tempo, em desordenada profusão; é o nosso propósito que dá ordem, sequência e unidade a essa impertinente anarquia; somos nós mesmos, nossa personalidade, nossa mente, que levamos luz a esses mares (DURANT, 2000, p. 260).

A leitura do filósofo estadunidense sobre o pensamento kantiano demonstra o processo de ordenação que ocorre a partir do contato que temos com o caráter caótico e desordenado da realidade dos dados brutos: através da razão criamos recursos que nos possibilitam dar significado a essa série de fenômenos que nos

¹² “Basta eu abrir os olhos e recomeçam de novo, o céu e a fumaça da humanidade. Vejo e escuto muito mal. Na vastidão, em vez de luz, lampejos e reflexos. Todos meus sentidos se encontram sobre mim, eu” (BECKETT, 1986, p. 14).

atingem os sentidos. Não é o conhecimento da coisa em si que faz do homem um ser privilegiado, mas sua busca constante. “A experiência nos diz o que é, mas não que deva ser necessariamente o que é e não o contrário. [...] e nossa razão, que está particularmente ansiosa por essa classe de conhecimento, é provocada por ela, e não satisfeita” (KANT *apud* DURRANT 2000, p. 256).

De fato, não podemos perceber sensitivamente ou articular através de nossa estrutura racional qualquer realidade que não a dos fenômenos. Assim, toda noção de mundo por nós articulada está necessariamente vinculada à construção de nossos sentidos e de nossa razão, tornando qualquer tentativa de articulação para além da mera representação desconhecida. Com isso, Kant nos permite pensar que não podemos obter o conhecimento da real estrutura do mundo, pois conhecemos o mundo apenas como ideal, ou seja, como ele por nós é representado racionalmente. E é justamente em uma interseção entre a filosofia de Immanuel Kant e René Descartes que Samuel Beckett retoma, na voz de Molloy, o problema da realidade e do pensamento para desenvolver uma literatura da linguagem: “For to know nothing is nothing, not to want to know anything likewise, but to be beyond knowing anything, to know you are beyond knowing anything, that is when peace enters in, to the soul of the incurious seeker” (BECKETT, 1994, p. 64).¹³

Nesse sentido, Samuel Beckett deixa ecoar o entendimento da realidade que encontra seu limite no pensamento que se move por meio da linguagem preservando a dúvida. “I know those little phrases that seem so innocuous and, once you let them in, pollute the whole of speech. *Nothing is more real than nothing*. They rise up out of the pit and know no rest until they drag you down into its dark” (BECKETT, 1994, p. 193).¹⁴

Em consequência, toda a esperança de obtermos o real conhecimento das coisas torna-se ingênua, pois a dúvida condiciona toda espécie de conhecimento à incerteza. Todo pensamento que emerge do silêncio anterior à palavra tem como resultado o desgaste de outro anterior a este; assim, o fluxo dos pensamentos forma o intelecto, que nesta corrente expande o território da língua, dissolvendo toda a

¹³ “Pois não saber nada, não é nada, não querer saber nada também não, mas não poder saber nada, saber não poder saber nada, é por aí que passa a paz, na alma do pesquisador incurioso” (BECKETT, 2007, p. 95).

¹⁴ “Conheço essas pequenas frases que parecem não ser de nada e, uma vez admitidas, podem empestar toda uma língua. *Nada é mais real do que nada*. Elas sobem do abismo e não sossegam enquanto não arrastam você para dentro de suas trevas” (BECKETT, 1986, p. 22).

inocência do espírito no ácido corrosivo da dúvida. Ou como expõe Samuel Beckett em *Malone morre*:

But for a long time now I have been hearing things confusedly. There I go again. What I mean is possibly this, that the noises of the world, so various in themselves and which I used to be so clever at distinguishing from one another, had been dinning at me for so long, always the same old noises, as gradually to have merged into a single noise, so that, all I heard was one vast continuous buzzing (BECKETT, 1994, p. 207).¹⁵

Todo conhecimento que possuímos do mundo revela-se apenas hipoteticamente. Devemos nos libertar da ingenuidade de que por nós seja possível a apreensão de algo que não seja superficial. Toda crença em uma verdade absoluta está fadada ao fracasso, e, não diferentemente da figura mitológica de *Sísifo*, devemos seguir adiante, conscientes de nossa condição enquanto humanos. Obter o conhecimento da coisa em si seria a nossa mais completa desgraça. O abismo existencial entre o homem e a realidade absoluta configura não o fim da razão na busca pelo conhecimento, mas uma espécie de combustível infundável, que, na loucura da dúvida que nos envolve, sustenta o espanto e provoca em nosso espírito uma espécie de desespero criativo, capaz de nos fazer lançar pontes sobre o abismo do inarticulável. Como afirma Nietzsche:

O erro torna o homem profundo, delicado, inventivo a ponto de fazer brotar a literatura e a filosofia. O puro conhecimento teria sido incapaz disso. Quem nos desvendasse a essência do mundo, nos causaria a todos a mais incômoda desilusão. Não é o mundo como coisa em si, mas o mundo como interpretação (como erro) que é tão rico em significado, tão profundo, maravilhoso, portador de felicidade e infelicidade (NIETZSCHE, 2004, p. 36-37).

A literatura e a filosofia se apresentam como as condições de superação da angústia existencial alimentada pela incerteza do nada. Nietzsche, assim como Flusser, pensa o próprio niilismo como alternativa para superação do absurdo que nos impõe a incerteza. Devemos desprezar a fé na razão pura e nos lançar no vazio da dúvida. Somente a partir deste novo envolvimento com o mundo seremos

¹⁵ “Mas, há muito tempo, ouço as coisas confusamente. Lá vou eu de novo. O que quero dizer talvez é o seguinte, que pouco a pouco os barulhos do mundo, tão diversos e que eu sabia distinguir uns dos outros, à força talvez de serem sempre os mesmos se fundiram em um só, até acabarem por ser apenas um profundo zumbindo contínuo” (BECKETT, 1986, p. 41).

capazes de encontrar um novo senso de realidade: “Não é, portanto, um abandono do intelecto, mas pode ser, muito pelo contrário, a superação do intelecto por si próprio” (FLUSSER, 2011, p. 32). É preciso aceitarmos a situação absurda da realidade que se apresenta, para que possamos superar os limites do próprio intelecto que se transforma através de uma cadeia infindável de pensamentos e, assim, tornar possível a criação de uma nova realidade. O pensamento revela-se, para Vilém Flusser, como “um conjunto dinâmico de organizações de conceitos que absconde a realidade no esforço de revelá-la: é uma busca da realidade que começa pelo abandono da realidade. É um esforço absurdo” (FLUSSER, 2011, p. 47).

O absurdo é, porém, indispensável. Na busca por desvendar o ser da realidade em si, acabamos por expandir o intelecto. Ao duvidarmos do ser da realidade, estamos duvidando da concepção mais própria do que há em nós. “Não há filosofia verdadeira enquanto a mente não se volta a examinar a si mesma” (DURANT, 2000, p. 33). Entretanto, não diminuámos o caos do impensável. Apenas ampliamos nossa visão diante do nada. Entendemos que não é o ser da realidade em si que importa ao pensamento humano, mas o desenvolvimento deste que busca conhecer, que duvida da própria dúvida, ampliando o seu conhecimento, não sob a perspectiva daquilo que é, mas do não ser que segue todo conhecimento que pensamos poder articular através do pensamento, ou seja, da linguagem em que habita para ser.

A alquimia pode ser comparada à história do homem que disse aos filhos que havia deixado para eles ouro enterrado em algum ponto do vinhedo; ao cavar, eles não encontraram ouro algum, mas, ao revirar o humo que envolvia as raízes das videiras, conseguiram uma safra abundante. Assim, a procura e os esforços no sentido de obter ouro trouxeram à luz muitas invenções úteis e experimentos instrutivos (BACON *apud* DURANT, 2000, p. 133).

A partir da citação do filósofo inglês, podemos pensar a expansão daquilo que denominamos realidade do pensamento como resultado da busca que efetuamos no decorrer da história do conhecimento. O que nos interessa é a ampliação do intelecto diante da potencialidade de articularmos a realidade da coisa em si. Essa ocorrência, no entanto, se dá sob as teias da linguagem, pois sendo a palavra o elemento estrutural do pensamento, ser-nos-ia possível apenas pensar uma existência que se materialize na realidade da língua. Ou seja, a realidade passa a

ser tudo – e somente – aquilo que podemos articular linguisticamente. O que não habita a realidade da língua não habita o pensamento.

Considerações finais

Aqueles que se aventuram na atmosfera instável do romance beckettiano submergem em um mundo subterrâneo composto pela decadência formada a partir de uma linguagem que busca dar conta do caráter absurdo da existência humana e fracassa. O que é importante dizer, no entanto, é que a realidade do mundo material “no matter” (LEMINSKI, 1986, p. 153). Beckett é *um escritor de linguagem*. Não importa para ele uma estrutura linguística que nomeie. Sua escrita materializa-se no objeto próprio de sua literatura. Não há nada ali que não sejam palavras e o efeito estético que provocam. Sendo assim, sua escrita é desafiada a romper o abismo que se interpõe entre a língua e o ser da realidade que nos escapa, com o único objetivo de evidenciar a incerteza enquanto algo que supera toda capacidade de interpretação, incorporando, em sua estrutura, extratos de uma experiência fenomenológica que requer a participação ativa do leitor no processo de produção de um sentido que se forma alheio a qualquer modo de representação. Como descrito por Martin Esslin “But his work too is not *about* something; it is that something: the direct distillation of a living experience, not a reconstruction of it “recollected in tranquility” (ESSLIN, 2011, p.16).¹⁶ Não é através das palavras, mas nas palavras que encontraremos o sentido da obra do Samuel Beckett – um sentido que não pode ser dominado, mas sim experienciado em uma espécie de manifestação poética da prosa. A única certeza que é permitida é a da dúvida, que emerge por trás de suas palavras, revelando o tema fundamental de sua literatura.

How many hours to go, before the next silence, they are not hours, it will not be silence, how many hours still, before the next silence? Ah to know for sure, to know that this thing has no end, this thing, this thing, this farrago of silence and words, of silence that is not silence and barely murmured words (BECKETT, 1994, p.104).¹⁷

¹⁶ “Seu trabalho não é sobre algo; ele é este algo: A destilação direta de uma experiência viva, não uma reconstrução desta ‘recolhida em tranquilidade’ (tradução nossa).

¹⁷ “Quantas horas mais, antes do próximo silêncio, não são horas, não será silêncio, quantas horas mais, até o próximo silêncio? Ah, ter certeza, saber que esta coisa não tem fim, esta coisa, esta coisa, esta miscelânea de silêncio e palavras, silêncios que não são silêncios, palavras que são murmúrios” (BECKETT, 2015, p.30).

Dessa forma, é possível pensar a natureza da obra de Samuel Beckett como uma experiência imanente ao sensível, expondo uma realidade que se manifesta apenas no ato da leitura. Não há nada além do texto; há o texto que se forma e se deforma no interior da memória, como um acontecimento. Beckett compõe uma obra que transcende em si mesma a experiência da leitura. Se a nós permanece oculta “a natureza da realidade exterior”, como sugerido no trecho retirado de *Textos para nada*, resta-nos entregarmos nossos pensamentos ao raro evento da linguagem, que nos permite definir e expressar, mesmo que na falta, aquilo que apreendemos sensitivamente. E nesse sentido, o que Beckett busca desconstruir em sua obra é, justamente, a crença de que a linguagem possa compor uma narrativa que dê conta da realidade. O que o autor pretende é subtrair a linguagem a ponto de criar em nós a sensação do emergir de uma nova perspectiva criativa, na qual a linguagem rompe com o clássico e torna-se ela mesma a razão de ser da obra literária.

Referências

BECKETT, Samuel. *Textos para nada*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BECKETT, Samuel. *O inominável*. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009.

BECKETT, Samuel. *Molloy*. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2007.

BECKETT, Samuel. *Three Novels: Molloy, Malone dies and The Unnamable*. London: Calder, 1994.

BECKETT, Samuel. *Stories & Texts for Nothing*. New York: Grove, 1994.

BECKETT, Samuel. *Dream of Fair to Middling Women*. New York: Arcade, 1993.

BECKETT, Samuel. *Malone Morre*. Tradução e posfácio de Paulo Leminsk. São Paulo: Brasiliense, 2. ed. 1986.

DESCARTES, René. *Discurso do método; As paixões da alma; Meditações*. Tradução de Enrico Corvisieri, São Paulo: Nova cultural, 2000.

DURANT, Will. *A história da filosofia*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova cultural, 2000.

ESSLIN, Martin. Telling it How it is: Beckett and the mass media. In: BLOOM, Harold, *Bloom's Modern critical views: Samuel Beckett*. New York: BLC, 2011.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, Vilém. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

GULDIN, Reine. *Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser*. Tradução de Murilo Jardelino da Costa e Célia Barqueta. São Paulo: Annablume, 2010.

HERÁCLITO. *Fragmentos: Sobre a natureza*. Tradução de José Cavalcante de Souza. In: SOUZA, José Cavalcante de. (seleção de textos e supervisão). *Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova cultural, 2000, p. 81-102.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, São Paulo: Nova cultural, 2000.

LEMINSKI, Paulo. *Beckett, o apocalipse e depois*. In: BECKETT. *Malone morre*. 2. ed. Tradução e posfácio de Paulo Leminsk. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 145-157.

MCDONALD, Rónán. *The Cambridge introduction to Samuel Beckett*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POWER, Nina; TOSCANO, Alberto. *'Think pig!': An introduction to Badiou's Beckett*. In: BADIOU, Alain. *On Beckett*. Edited by Alberto Toscano e Nina Power. Manchester: Clinamen Press, 2003, p. xi-xxxiv.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Fragmentos sobre a história da filosofia; precedido de esboço de uma doutrina do ideal e do real*. Tradução Karina Jannini, prefácio Jair Barboza. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

Recebido em 06/03/2017

Aceito em 25/06/2017

Publicado em 12/07/2017